

Entre memória e infância, a ausência é uma herança

Between memory and childhood, absence is an inheritance

Ana Carolina Follador¹
(UFES)

Resumo: Este ensaio visual apresenta um relato sobre a obra “a primeira vez que acreditei que você me amava foi em um dia nublado que nunca chegou”, uma série de três fotografias e uma prosa impressas em tecido algodão cru, realizadas entre 2022 e 2024. As obras surgem de processos reflexivos, enquanto artista, em torno da privação materna e do abandono parental afetivo que vivi na infância e na adolescência. Trata-se de um conjunto de trabalhos artísticos com temas sensíveis à memória afetiva, como também desenvolvimento de uma narrativa pessoal que busca a devolução de afeto materno que me foi ausente.

Palavras-chave: memória, infância, obras de arte.

Abstract: *This visual essay presents a narrative about the work "The First Time I Believed You Loved Me Was on a Cloudy Day That Never Came," a series of three photographs and a prose printed on raw cotton fabric created between 2022 and 2024. The works emerge from reflective processes as an artist regarding maternal deprivation and the emotional parental abandonment I experienced in childhood and adolescence. It is a collection of artistic works addressing sensitive themes related to affective memory, as well as the development of a personal narrative that seeks to reclaim the maternal affection that was absent from my life.*

Keywords: *memory, childhood, works of art.*

DOI: 10.47456/col.v14i24.46614



O conteúdo desta obra está licenciado sob uma licença [Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

¹ Artista multidisciplinar, fotógrafa e escritora. Sua pesquisa é constituída principalmente por suportes videográficos, fotografias, performances e indexação de imagens. Esses suportes atravessam temas que se relacionam com a memória e a infância. Através de produção científica, investigou o diálogo e a interseção entre as artes pictóricas latino-americanas e o cinema brasileiro. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7919110401283228>. ID ORCID:

Introdução

A série de obras artísticas apresentadas neste ensaio visual foi elaborada durante toda a minha vida, ainda que a feitura das obras em si tenha começado apenas em 2022, aos 24 anos de idade. Meus processos de entendimento como artista, a respeito da memória e da infância, foram desenvolvidos em multidisciplinaridade: a primeira obra, “agora devolvo essa memória”, consiste de uma vídeo-performance, a partir do resgate do número máximo de fotografias com a minha mãe que encontrei em álbuns de família. A partir disso, rasuro o rosto dela e, na pós-produção, inverteo o tempo do vídeo, colocando-o de trás para frente, a fim de devolver, de forma fictícia, a presença da progenitora na minha infância. Na segunda obra, resgatei essas mesmas fotos e propus uma interferência nelas, retirando toda a imagem da minha mãe da fotografia: antes o que ainda havia, o corpo, com as rasuras, na segunda obra, não há mais corpo, e a sua presença se torna um fantasma, tudo é ausente. A terceira obra retrata a presença das figuras maternas que tive durante toda a minha vida: procurei por todas as fotos com minhas tias, avós e bisavós, e utilizei um carimbo para marcar a frase “mãe, essa é a minha mãe” nelas. Por fim, escrevi um texto, em 2024, quando recebi notícias sobre minha progenitora:

“mãe, a primeira vez que acreditei que você me amava foi em um dia nublado que nunca chegou. tentei tatear algumas memórias lá na maleta que eu guardava escondido dentro do meu guarda-roupa na casa da minha avó. não tinha nada seu lá. nem uma cartinha, nem um bilhete de dias das mães, nem uma advertência te chamando pra ir na minha escola porque mais uma semana eu havia batido em algum colega de classe. eu me recordo de um dia perguntar a minha tia quando era que você voltava para casa e ela não sabia responder porque, na verdade, você nunca esteve em casa. anos mais tarde, ouvi ela recordar desse mesmo momento com lágrimas nos olhos sem saber me dizer porque você nunca havia me escolhido. era estranho pensar que dessa vez era eu quem a acalmava num abraço caloroso como quem diz ‘está tudo bem, ela não vai voltar porque

ela nunca esteve'. nos álbuns de família você quase sempre se fez ausente. e digo quase porque vez ou outra seu rosto aparece para dar um 'oi' sem muitos sorrisos e logo depois encontra o caminho para sua casa, e não sou eu a sua morada. semana passada recebi notícias suas e o único sentimento que eu tive foi raiva. acho esquisito ter raiva de você, porque penso que a maternidade poderia ter sido diferente para nós duas, mas não foi e aí ficou um buraco no peito que por mais que eu tente nunca será preenchido, porque minha válvula mitral apresenta leve prolapso de seu folheto anterior com refluxo mitral de grau moderado. é a única coisa que temos em comum: eu, você, tia e vovó.”

Cada investigação acima citada conduziu ao surgimento de “a primeira vez que acreditei que você me amava foi em um dia nublado que nunca chegou”, uma série de três fotografias e uma prosa impressas em tecido algodão cru, realizadas entre 2022 e 2024.

Para o filósofo Henri Bergson, a imagem-lembrança é produzida em um salto realizado do presente para o passado quando “deixamos o presente para nos colocar primeiramente no passado em geral, e depois numa certa região do passado” (2017, p. 136). Ivan Izquierdo, por outro lado, descreveu que:

O aprendizado e a memória são propriedades básicas do sistema nervoso; não existe atividade nervosa que não inclua ou não seja afetada de alguma forma pelo aprendizado e pela memória. Aprendemos a caminhar, pensar, amar, imaginar, criar, fazer atos-motores ou ideativos simples e complexos, etc.; e nossa vida depende de que nos lembremos de tudo isso. (Izquierdo, 1989, p. 90)

Como uma criança é capaz de compreender a maternidade e a afetividade a partir da ausência e do abandono parental afetivo? Para Izquierdo, “há algo em comum entre todas essas memórias: a conservação do passado através de imagens ou representações que podem ser evocadas. Representações, mas não realidades” (1989, p. 89). Dessa forma, me deparar com poucas imagens e estas, por sua vez, fazerem parte de momentos específicos e não corriqueiros da vida, como as imagens que outras figuras maternas

possuem para comigo, me faz questionar, como artista, os processos de memória em obras de arte. Como consequência da pesquisa, os trabalhos ganharam novos desdobramentos: o campo social.

Segundo o Jusbrasil, o abandono afetivo ocorre quando um dos pais não cumpre suas obrigações emocionais e de cuidado para com o filho, afetando seu bem-estar emocional e psicológico (Goulart, 2023), deveres estes garantidos pelo art. 227 da Constituição Federal às crianças e adolescentes. Conforme o TJDFT (Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios), um exemplo de abandono afetivo ocorre “quando o responsável não aceita o filho e demonstra expressamente seu desprezo em relação a ele” (ACS, 2019). Entre 2015 e julho de 2023, o Brasil registrou 27.059 acolhimentos de crianças e adolescentes entre 0 e 18 anos com o motivo “abandono pelos pais ou responsáveis”, segundo o Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (Borges, 2023).

A série “a primeira vez que acreditei que você me amava foi em um dia nublado que nunca chegou” é uma possibilidade de proposta visual que permite e instiga o refletir pessoal e social juntos, através do campo artístico.



Figura 1. Exposição “Um lugar para poder ser”, 2024. Galeria de Arte e Pesquisa, UFES. Quatro impressões em tecido em fundo preto. As impressões superior, inferior e direita mostram fotografias, detalhadas nas imagens seguintes. A impressão da esquerda contém uma frase, que o título da série.

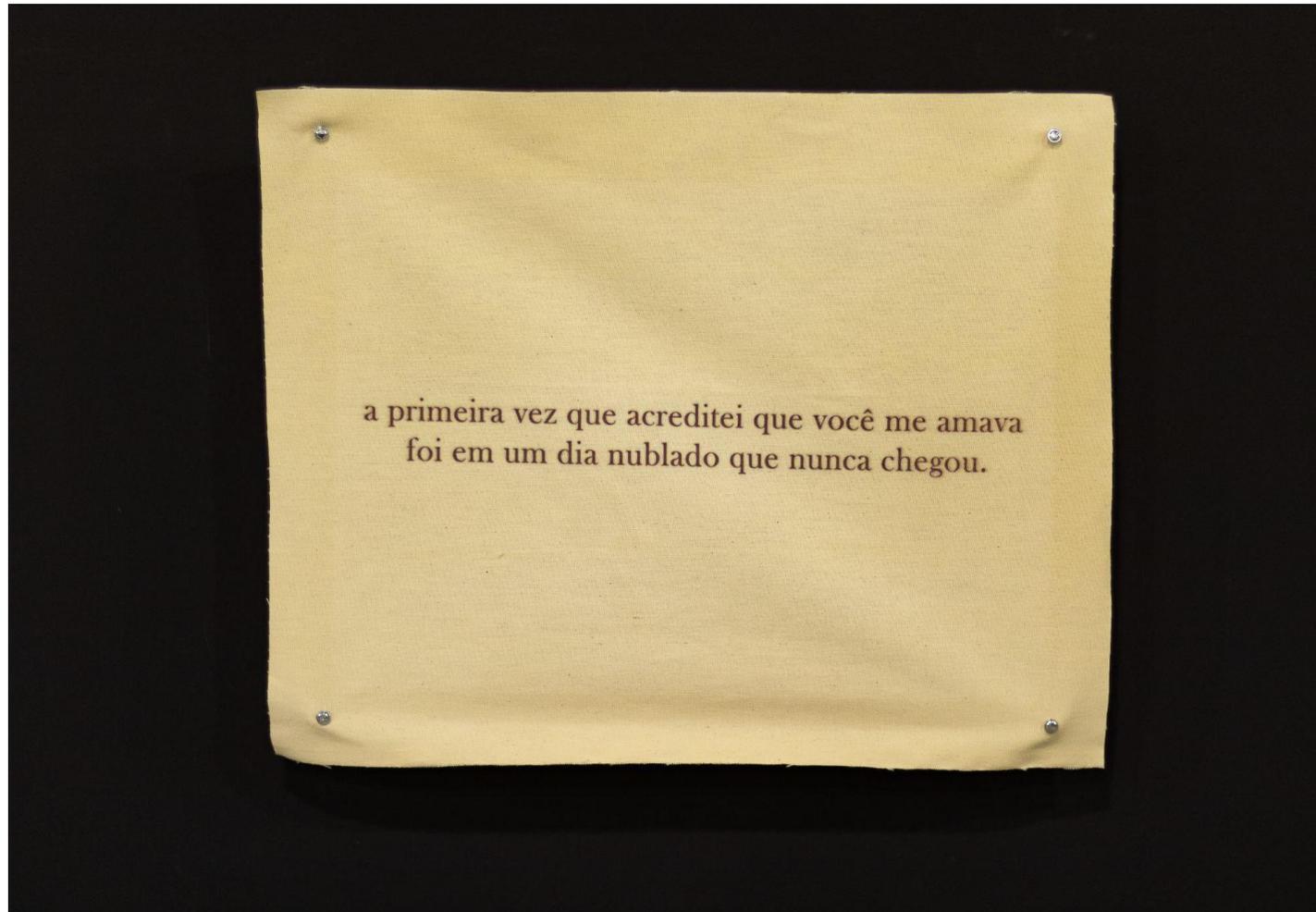


Figura 2. Exposição “Um lugar para poder ser”, 2024. Galeria de Arte e Pesquisa, UFES. Impressão em tecido da frase “a primeira vez que acreditei que você me amava foi em um dia nublado que nunca chegou”



Figura 3. Exposição “Um lugar para poder ser”, 2024. Galeria de Arte e Pesquisa, UFES. Fotografia impressa em tecido, com duas crianças no colo de duas pessoas adultas. Uma das pessoas foi apagada da imagem e aparece apenas como uma silhueta branca.



Figura 4. Exposição “Um lugar para poder ser”, 2024. Galeria de Arte e Pesquisa, UFES. Impressão de foto em tecido. Uma criança de pé, no chão, e outra no colo de uma mulher. Há uma silhueta branca de outra pessoa adulta do lado esquerdo da mulher.

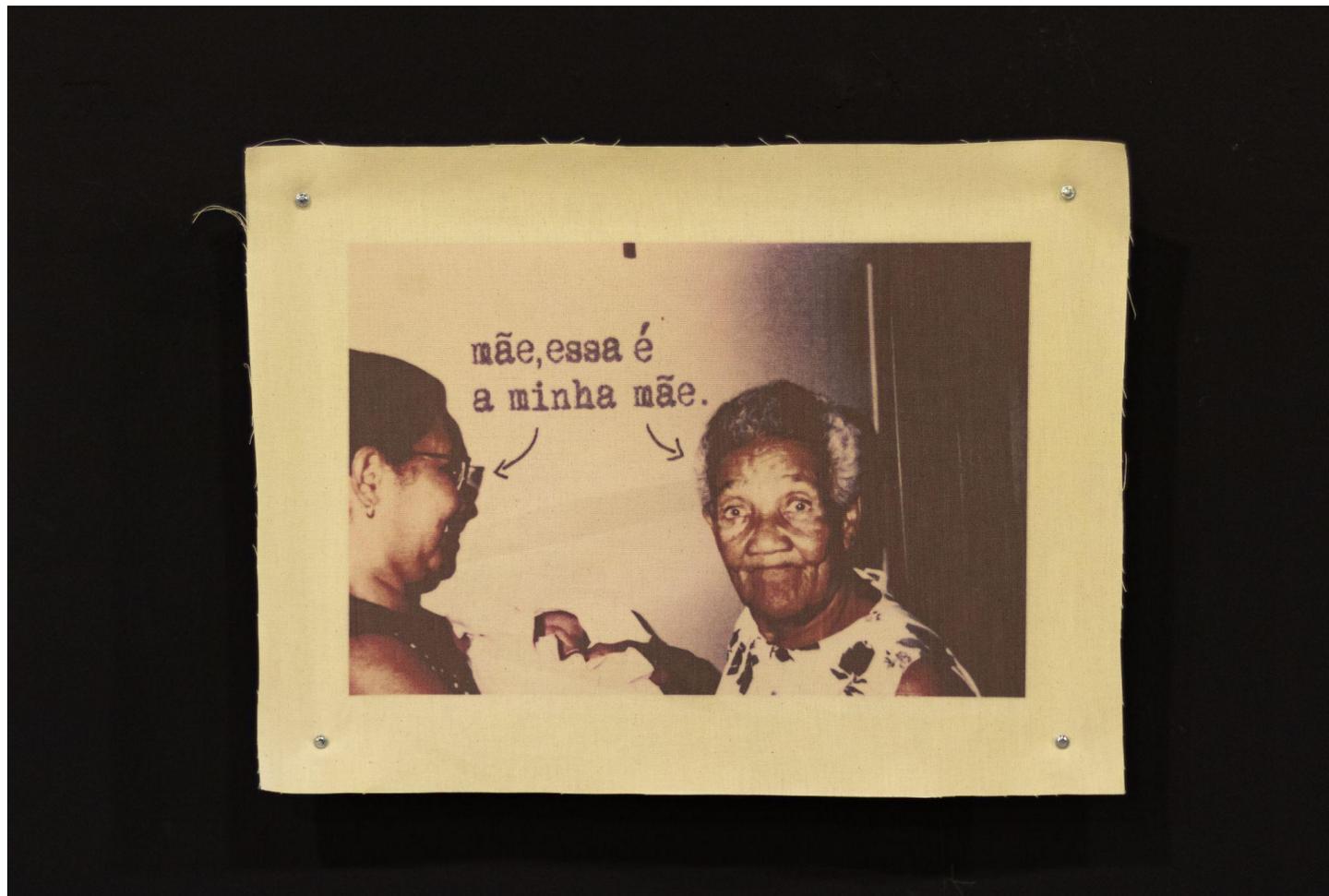


Figura 5. Exposição “Um lugar para poder ser”, 2024. Galeria de Arte e Pesquisa, UFES. Impressão de foto em tecido. Primeiro plano de duas mulheres negras. Uma, mais velha e de cabelos curtos, olha para a câmera. Outra, mais jovem, sorri em direção à senhora. Entre as duas, foi impressa a legenda: “Mãe, essa é minha mãe”.

Referências

ACS. **Abandono afetivo**. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, 2019. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/abandono-afetivo>. Acesso em: 3 nov. 2024.

BORGES, Stella. 'Me deixou e nunca mais vi': País tem 8 casos de abandono de menor por dia. **UOL**, São Paulo, 22 out. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/10/22/casos-abandono-de-criancas-e-adolescentes-brasil.htm>. Acesso em: 3 nov. 2024.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. **Estudos Avançados**, v. 3, n. 6, p. 89-112, 1989. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8522>. Acesso em: 3 nov. 2024.

GOULART, Paula. **Abandono Afetivo: Informações Essenciais para Entender e Agir Legalmente**. 2023. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/abandono-afetivo-informacoes-essenciais-para-entender-e-agir-legalmente/1924089439>. Acesso em: 3 nov. 2024.

OLIVEIRA DE ANDRADE, B. **Imagem e memória - Henri Bergson e Paul Ricoeur**. Revista Estudos Filosóficos UFSJ, [S. l.], n. 9, 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/estudosfilosoficos/article/view/2208>. Acesso em: 3 nov. 2024.

Recebido em: 03 de novembro de 2024.

Publicado em: 30 de dezembro de 2024.